

Ela à imagem dele

Ela à imagem dele

A identidade feminina à luz do caráter de Deus

FRANCINE VERÍSSIMO WALSH



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2024 por Francine Veríssimo Walsh
Primeira edição publicada por Schaeffer Editorial em 2022.

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Biblica, Inc., salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ
W19e

Walsh, Francine Veríssimo
Ela à imagem Dele : a identidade feminina à luz do caráter de Deus / Francine Veríssimo Walsh. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2024. 224 p.

ISBN 978-65-5988-324-0

1. Mulheres cristãs - Vida religiosa. 2. Feminilidade - Aspectos religiosos - Cristianismo. 3. Mulheres cristãs - Conduta. I. Título.

24-91613

CDD: 248.843
CDU: 27-584-055.2

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Categoria: Espiritualidade
1ª edição: julho de 2024

Edição
Daniel Faria
Revisão
Ana Luiza Ferreira
Produção
Felipe Marques
Diagramação
Gabielli Cassetta
Capa
Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

*Às minhas filhas,
Vesper Elizabeth & Bianca Rose*

Aquilo que nos vem à mente quando pensamos em Deus é a coisa mais importante a respeito de nós mesmos.

A. W. Tozer, *O conhecimento do Santo*

Por meio das atuais publicações cristãs você pode pensar que a coisa mais importante no mundo para qualquer cristão real ou potencial é a união da igreja, o testemunho social, o diálogo com outros cristãos e com religiões diferentes, refutar este ou aquele “ismo”, desenvolver uma filosofia e uma cultura cristãs, ou qualquer outra coisa que você queira. No entanto, este nosso estudo faz a concentração nessas ideias parecer uma conspiração gigantesca no que diz respeito à falta de direção. É claro que não é isso; os assuntos são reais e devem ser tratados em seus devidos lugares. Entretanto, ao prestar atenção neles, é trágico observar que muitas pessoas hoje se desviem do que era, é, e sempre será a mais alta prioridade de todo ser humano: aprender a conhecer a Deus em Cristo. “A teu respeito diz o meu coração: Busque a minha face! A tua face, SENHOR, buscarei” (Sl 27.8). Se este livro levar algum de seus leitores a se identificar mais de perto com o salmista, ele não terá sido escrito em vão.

J. I. Packer, *O conhecimento de Deus*

SUMÁRIO

Prefácio	11
Introdução à nova edição	15
Introdução à primeira edição	17
1. Deus de beleza e a criação da mulher	23
2. Deus de ira e o feminismo	39
3. Deus de criatividade e a feminilidade exclusiva	57
4. Deus de ordem e o ministério feminino	79
5. Deus de aliança e a submissão feminina	97
6. Deus de vida e a maternidade	117
7. Deus de labor e o trabalho da mulher	137
8. Deus de misericórdia e a sexualidade feminina	161
9. Deus de justiça e o abuso da mulher	183
10. Deus de redenção e a verdadeira identidade da mulher	205
Agradecimentos	221
Sobre a autora	223

PREFÁCIO

Sempre que falo de “feminilidade bíblica” em aulas, palestras, lives e artigos, descrevo minha perplexidade com o quanto as mulheres cristãs hoje — mesmo as que têm apego à boa teologia — podem perder-se nesse assunto. Nunca houve tanta informação circulando em nosso meio, mas talvez também possamos dizer que nunca houve tanta *confusão*, seja por zelo sem discernimento, seja por medo de uma cultura secular cada vez menos afeita aos conteúdos bíblicos. Cristãs menos familiarizadas com a Escritura ou perigosamente perto do liberalismo teológico podem deixar-se levar pelo secularismo, desistindo de buscar respostas bíblicas para suas questões, e tenderão a aprovar algumas ou todas as ênfases de um feminismo mais radical: pouco apreço pelo casamento e pela maternidade, forte conexão entre autoestima e realização profissional, desprezo pelas irmãs que optam pelo trabalho exclusivo no lar, sexo livre como fonte de prazer fora dos limites conjugais, aprovação do aborto, apoio à fluidez de gênero.

Por outro lado, as cristãs mais preocupadas em conhecer a Bíblia e obedecer à vontade de Deus podem ser tentadas às respostas rápidas e fáceis que “têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, falsa humildade e rigor ascético” (Cl 2.23, ARA). A ânsia por crescimento espiritual meteórico, escorada em motivações erradas e à parte da graça de Deus, gera problemas que não devem ser subestimados. Sobretudo na internet, mas infelizmente também em certos livros, tais problemas são inúmeros: pouca exposição bíblica que faça jus à riqueza e à profundidade dos textos; aplicações estritas e inferências que não levam em conta o que a Escritura inteira fala sobre o tema; preferência por regras simplistas que não dão

conta da realidade; expressões de ódio ou desprezo, em vez de evangelismo e amor, pelas descrentes que defendem o feminismo ou a causa LGBTQIA+; adesão a um conjunto de práticas e comportamentos que não aparecem em parte alguma da Escritura, mas são recomendados como condições *sine qua non* para a caracterização da mulher cristã, como certa linguagem considerada piedosa, desvalorização da vida pública (trabalho fora de casa e estudo formal) e uma orientação ao casamento que chega a ser idolátrica, revelando baixa apreciação pela condição da mulher sozinha, embora ela seja amada por Deus independentemente da presença de marido ou do bom desempenho de funções no lar.

Francine Veríssimo Walsh está bem ciente de todo esse panorama antitético e escreve a partir de um sólido conhecimento bíblico para desfazer esses mal-entendidos. Embora este seja seu primeiro livro, não é exatamente uma autora estreante, pois escreve e oferece cursos há vários anos através de seu ministério Graça em Flor. Por isso, sentimos em seu texto a maturidade de alguém acostumada a redigir e a refletir na Palavra com maestria. Não nos conhecemos pessoalmente; moramos longe uma da outra — ela, nos Estados Unidos, e eu, no Brasil —, trocamos zaps por escrito e em áudio, e eu a considero uma ótima interlocutora e amiga virtual. Não tenho a vivência direta de sua personalidade, de seu trato cara a cara. Ao concluir este livro, porém, após muitas leituras de um bom número de obras direcionadas às mulheres cristãs, todas traduzidas do inglês americano, posso dizer com absoluta franqueza que este exemplar que você tem em mãos faz ressaltar, em franca oposição a muitos deles, além das imprescindíveis qualidade textual e solidez bíblica, o espírito *compassivo* de sua autora — a mesma palavra que seu marido usou para descrevê-la, vejam que bênção! Que bênção e que delícia para nós, leitoras! Francine tem o cuidado de exercer o amor cristão a cada página, ao usar da firmeza necessária para expor a vontade de Deus para nós, sem jamais esquecer a doçura que torna sua linguagem cheia de empatia pelos que sofrem. Por exemplo, aborda cada assunto com vagar, prevendo não só as objeções a conceitos difíceis — como a submissão feminina —,

mas sobretudo os sentimentos de dor, quando trata dos limites conjugais para o sexo e da indissolubilidade do casamento sem deixar de mencionar e compadecer-se dos irmãos e irmãs quebrados por pecados sexuais, adultério, abuso e abandono. Esse cuidado, acreditem-me, não é tão fácil de encontrar em livros para mulheres, e esta obra transborda de gentileza. Ortodoxia teológica e gentileza juntas? Sim! E que privilégio desfrutar de toda essa doçura — que pode ser verdadeiramente curativa após tantos textos de cenho franzido — em um livro escrito por uma autora brasileira!

Aqui, você vai encontrar não só as normatividades que Deus reserva às mulheres, e que devemos conhecer a fundo, mas também a denúncia das normatividades que *não são bíblicas*, mas puramente humanas. Discernir entre ambas é fundamental, já que as primeiras são obrigatórias e salutares, vindas do Senhor, enquanto as segundas são imposições que, via de regra, oprimem e abafam a diversidade criacional de Deus, por reduzirem questões complexas a um “pode/não pode” bastante simplista. Ao serem postas no lugar da normatividade bíblica, regras inventadas pela mente humana se tornam *pecado* e sua imposição, *abuso* (não há palavras mais leves para descrevê-las), pois ofendem o desígnio santo de Deus ao ter criado mulheres tão diferentes entre si para desempenhar os mais variados papéis, conforme podemos depreender da Palavra: casadas ou solteiras, profissionais ou do lar, intelectuais ou práticas, retraídas ou expansivas, sérias ou divertidas, que falam pouco ou que falam muito... todas têm seu lugar no coração de Deus e em seu reino. E nisso também consiste a criatividade e o amor de Deus! Não podemos acrescentar à Palavra sem grande prejuízo para a alma. Ainda que tenhamos boas intenções — tornar a vontade divina mais clara e aplicável —, isso deve ser feito do modo mais prudente possível, sob o risco de criarmos modelos humanos que acabam se tornando ídolos. E a idolatria sempre provoca destruição, pois imita a santidade em vez de praticá-la de fato. O culto à exterioridade nada pode contra os ídolos profundamente arraigados no coração.

Esta obra cobre uma variedade imensa de temas. Beleza, feminismo, feminilidade exclusiva (termo da autora para a reação igualmente extremista ao feminismo), ministério, submissão, trabalho, maternidade, sexualidade, abuso, identidade: cada um desses assuntos é tratado com pena leve e graciosa. Embora eu não exerça a função materna, por exemplo, o capítulo sobre a maternidade me foi um deleite: Francine entrelaça Trindade, criação divina, criação humana e encarnação de Cristo para abrir nossos olhos às maravilhas da existência. Tenho falado em palestras e redes sociais que, sem esse maravilhamento, a teologia se torna árida e pouco parecida com a vida. Como também tenho tentado fazer no Teologia & Beleza, contrariar essa aridez inclui despertar no leitor a fome por fartar-se do “brilho” que torna tudo coeso e arrebatava a alma para o desejo de ser como Cristo. Pois não são poucos os momentos de brilho em *Ela à imagem dele*, esse brilho que é reflexo do entrelaçamento entre a beleza, a bondade e a verdade de nosso Senhor, fazendo-nos admirar todas as suas obras — entre as quais está o *ser mulher*.

Que você possa, leitora, ser tocada profundamente pelo Espírito de Deus ao longo da leitura deste belíssimo livro. É minha oração.

NORMA BRAGA

Doutora em Literatura Francesa, mestre em Teologia Filosófica e fundadora do Teologia & Beleza, onde ensina e oferece consultoria de imagem para mulheres

INTRODUÇÃO À NOVA EDIÇÃO

Na introdução à primeira edição desta obra, eu contei aos meus leitores sobre a descoberta do sexo da nossa primeira filha. Para esta nova edição, nada mais apropriado do que contar-lhes a descoberta do sexo do nosso segundo bebê.

Depois de uma traumática experiência no nosso primeiro parto, por quatro anos meu marido e eu não sabíamos se queríamos ter outro filho. Mas quando o Senhor alinhou nossos corações, e um bebê planejado passou a crescer dentro de mim, por milagre da graça divina, eu tinha certeza que seria um menino. Eu não sei por que, mas estava convencida disso, e meu marido também pendia para essa predição. Ao contrário da primeira vez, não tive a paciência de esperar as vinte semanas de praxe para o exame que revelaria o sexo do nosso bebê. Desta vez, joguei minhas teorias conspiratórias pela janela e enviei uma amostra do meu sangue para um laboratório particular.

No dia em que o e-mail chegou com o resultado do exame, eu e meu marido fomos a um restaurante de comida japonesa e, com sushis à nossa frente, abrimos o e-mail com o PDF que seria azul ou rosa. Dissemos em voz alta, uma última vez, o que pensávamos que seria (um menino), e clicamos no link. Para a minha surpresa, a cor que há quatro anos fazia parte da minha vida foi que me encarou de volta na tela do celular — *rosa*. O e-mail ainda afirmava, decididamente: “O cromossomo Y **NÃO** foi detectado em sua amostra de sangue, confirmando que você está carregando uma menina”. Comecei a chorar imediatamente. Não de tristeza, mas de profunda alegria. Não que eu não quisesse um menino. Mas, naquele momento, senti o Senhor sussurrar: *É sua nova menininha, Francine, seu pequeno milagre.*

Querido leitor, há quatro anos eu escrevia a obra que você tem em mãos, dedicada à minha primeira filha. Em meu escritório, em meio à pandemia, derramei meu coração sobre o que Deus me havia ensinado sobre ser mulher, na esperança de primariamente impactar minha menina algum dia. Mas eu me lembro de também imaginar as minhas conterrâneas, minhas amadas mulheres brasileiras, que a leriam, a discutiriam, e seriam, Deus assim permitindo, encorajadas, abençoadas e, quem sabe, até mesmo curadas através dela. Desde então eu tive o privilégio de conhecer algumas dessas mulheres, ouvir seus relatos e descobrir que Deus de fato tem usado este livro apesar de mim. Mas eu também fui, desde a publicação desta obra, cancelada e criticada. Disseram-me que eu não tinha o direito de dizer que a mulher é necessária para o Reino. Que isso é blasfêmia. As temáticas abordadas aqui, de defesa da mulher, parecem ser ainda mais necessárias hoje do que eram então.

Eu não tenho a pretensão de estar certa sobre tudo o que disse nestas páginas. Mas de uma coisa eu tenho certeza: a mulher é, sim, feita à imagem de Deus. E isso é mais que um conceito teológico, é uma permissão divina para que ela viva ao máximo seu chamado.

Quando você receber este livro, Deus assim permitindo, eu terei em meus braços minhas duas meninas, Vesper e Bianca, minhas razões para continuar bravamente lutando pelo direito da mulher cristã de ser *mais* do que muitos a tem permitido ser. Não mais do que o homem, mas em pé de igualdade com ele em valor, sendo sua aliada necessária na causa de Cristo.

Que Deus assim me mantenha — corajosa nele, por ele e para ele. E que ele faça o mesmo por você.

Em Cristo,
Sua amiga e serva,

FRANCINE VERÍSSIMO WALSH
Minnesota, 2024

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Lembro-me de contar os dias para o ultrassom que revelaria o sexo de nosso bebê. Tivemos de esperar as vinte semanas de gestação — como é a praxe aqui nos Estados Unidos, onde moro com meu marido. Poderíamos ter feito o exame de sangue que revela o sexo com apenas algumas semanas gestacionais, mas o preço nos fez esperar. Além disso, quase compramos um teste pela internet, mas a prudência falou mais alto que a curiosidade. Enviar nosso DNA a uma empresa privada? Você pode me chamar de conspiracionista, mas achei que seria uma péssima ideia.

Entramos numa sala escura, e a técnica de ultrassom foi logo nos avisando, bem no início do exame: “Em geral, só procuro o sexo no final de tudo”. Eu nem sabia que havia tantos ossos a medir e órgãos a avaliar em um exame de ultrassom. Vinte minutos se passaram e, por fim, ela declarou: “Muito bem, vamos ver o sexo! Vocês têm preferência?”.

Posso ser bastante sincera? Sim, nós tínhamos preferência. Por algum motivo que realmente não sei explicar, queríamos uma menina, tanto eu como meu marido. Eu achava interessante o fato de Beau desejar ter uma filha, pois me parece bastante comum que os maridos queiram um menino, especialmente na primeira gestação. E, para Beau, isso deveria ser uma expectativa ainda maior, pois ele carrega um nome de família: William V. (Como os pais dele foram de *William* para *Beau*, essa é uma conversa que podemos ter algum dia, pessoalmente.) De fato, não. Beau não queria necessariamente o William VI; ele queria uma menina.

Pois bem, ali estávamos nós, aguardando ansiosamente a revelação do sexo de nosso bebê. Então, a moça fez a seguinte pergunta: “Vocês

já têm nomes escolhidos?”. Dissemos a ela que tínhamos uma lista para meninas, mas que, na hipótese de ser um menino, já estava decidido que seria um nome de família. Ela, então, nos “enrolou” mais um pouco — Beau com as mãos na boca, eu apertando os olhos para ver se conseguia visualizar, naquela imagem de ultrassom, alguma pista. Alguns minutos depois, ela declarou: “Ah, sim, é uma menina”. Exatamente desse modo, sem qualquer aviso ou cerimônia.

Com a boca, consegui balbuciar: “Tem certeza?”, mas, com o coração, eu já sabia — sim, é claro que seria uma menina! Parece que, desde o início da gestação, quando descobrimos que havia uma vida crescendo em mim, eu sabia que teríamos uma menina. Radiantes, saímos do hospital e fomos diretamente a uma loja de departamento, onde compramos um coelho de pelúcia cor-de-rosa. E, como se isso não fosse suficiente, compramos também um laço de cetim cor-de-rosa para amarrar no pescoço do coelho. Sabe como é... para garantir que todos compreendessem que estávamos, de fato, esperando uma menina. A nossa menina! E, por favor, não me entenda mal — nós amaríamos um menino absolutamente da mesma forma, mas é como se Deus já tivesse preparado nosso coração para a aguardada Vesper Elizabeth.

Ter uma filha me fez ver o mundo de uma forma diferente. É claro que, como mulher, sempre enxerguei o mundo através de lentes femininas. Mas, quando descobri que uma pequena mulher em formação logo estaria sob meus cuidados, e que teria a mim como seu principal modelo de feminilidade, parece que o peso de ser mulher dobrou sobre meus ombros. Subitamente, não bastava *ser* mulher; eu queria entender *o que significava* ser mulher. O que me distinguia daqueles que são homens? E o que me distinguia, como mulher, daquelas mulheres que não identificam a si mesmas como seguidoras de Jesus? Eu precisava dessas respostas porque reconhecia a responsabilidade que teria, dali em diante, em ajudar minha filha a compreender todas essas questões.

Portanto, este livro chega às suas mãos diretamente do meu coração, que se encontra cheio de perguntas e ansioso por respostas. Não considero haver encontrado todas elas. Na verdade, talvez este livro traga em si mais indagações do que respostas. E tudo bem. Meu objetivo não é

lhe oferecer uma fórmula e dizer: “Veja, isso é ser uma mulher cristã!”. Pelo contrário, o que realmente desejo é apontar para aquele que nos fez — e nos fez especificamente mulheres — e mostrar que ele é bom em tudo que faz. Não acho que exista uma palavra de Deus para você, outra para mim e outra ainda para Joana, uma vez que não existe um molde específico. A vontade de Deus é uma só. Mas eu, você e Joana somos diferentes, totalmente únicas, criadas por um Deus que nos fez e, em seguida, jogou a forma fora. Minha vida tem nuances, cores e aromas que a sua não tem. Minha jornada nesta terra terá buracos, esquinas e pontes que a sua não vislumbrará. Nosso alvo, na qualidade de mulheres cristãs, é o mesmo: Cristo. Nosso solo é o mesmo: sua Palavra. Mas, ainda assim, nossas jornadas serão distintas. Por isso, quando crio uma forma e a nomeio de “feminilidade bíblica”, a verdade é que, muito provavelmente, eu a crio com base em minha própria jornada. Então, quando você, ou Joana (nossa amiga imaginária), tentar encaixar-se em um molde, vai doer. Seus ossos não caberão nessa forma. Você bem que tenta espremer-se aqui e ali, mas não adianta.

Não, Deus não nos deu um molde. Deus nos deu sua Palavra e se revelou no Verbo, a Palavra encarnada, Jesus Cristo. Deus quer que olhe-mos para ele de um modo que possamos compreender o que significa ser mulher. Quando tento compreender o ser humano — e, especificamente, o ser humano na condição de mulher — sem ir ao seu Criador, isso sempre resulta em uma definição equivocada ou reducionista. Veja bem, se eu olhar apenas para mim mesma, terei uma visão incompleta. Se eu olhar para a sociedade como um todo, terei uma visão equivocada. Mas, se eu olhar para Deus e buscar compreender quem ele se revelou ser, então serei capaz de compreender com clareza quem é essa pessoa que ele criou. E não apenas a pessoa que ele criou, mas aquela que ele disse haver criado à *sua* imagem e à *sua* semelhança.

Se a história toda começa com “no princípio, criou Deus”, então seria tolice buscar respostas em qualquer outra fonte ou partir de qualquer outro lugar. “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem”, diz Gênesis 1.27, “à imagem de Deus o criou; homem e mulher, os criou” (ARA). *Imago Dei* é a expressão em latim que significa “à imagem

de Deus”, o que em si carrega muito peso, muito significado. Quem é esse Deus cuja imagem se reflete em nós? Creio que, ao respondermos a essa questão, teremos condições de também responder a questionamentos mais específicos sobre nós mesmas. Esta é a lógica: primeiro, o Criador; depois, a criatura. Dessa forma, neste livro buscaremos responder à pergunta “Quem sou eu, como mulher?”, respondendo em primeiro lugar à pergunta “Quem é Deus?”.

Espero que você compreenda que a resposta a “Quem é Deus?” exigiria escrever centenas de milhares de páginas (e, mesmo assim, todo esse material ainda não seria suficiente para abrigar o conhecimento do Santo). Há uma música que aprecio muito e que diz: “Passo minha vida buscando te conhecer e ainda estou tão longe de entender tudo que és, a grandeza do nosso Deus”.¹ Nestas páginas, afirmo essa verdade. Eu jamais ousaria resumir quem é Deus em um livro, portanto não espere isso de mim. O que desejo fazer, na verdade, com esta obra que você tem em mãos, é trazer um pouco de luz àquilo que nosso Deus revelou sobre si mesmo, na esperança de levar você a amá-lo mais e apreciá-lo mais. Tenho aprendido, diuturnamente, que conhecer a Deus é amá-lo.

Quando olho para a igreja de Cristo — e, mais especificamente, para a parcela da igreja de Cristo que se encontra no Brasil —, vejo que muitos de nós têm uma noção equivocada de feminilidade. Nossa sociedade está a ponto de abolir esse termo e erradicar por completo qualquer noção de diferença entre os sexos. Mas a própria igreja, aquela que continua a afirmar e defender a criação de dois sexos únicos, também incorre em erros perigosos acerca dessa definição. É fato que temos o hábito de olhar para nós mesmas ou para a sociedade em busca de definições. Tomamos partes da Bíblia e tentamos encaixá-las em debates e defesas de ideias equivocadas que o mundo atirou em nossa direção. Mas, quando agimos dessa forma, caímos em uma

¹“I spend my life to know / And I’m far from close to all You are / The greatness of our God.” Hillsong Worship, “The Greatness of Our God”, *A Beautiful Exchange* (Live) (Hillsong Music and Resources, 2010).

noção distorcida e, sinceramente, feia de feminilidade. Uma noção que não reflete a beleza de Deus.

Acredito que a raiz de nosso problema não é uma definição equivocada do que significa ser mulher (ou homem). Creio que isso seja o fruto de uma árvore com raízes mais profundas e problemáticas. Creio que a raiz de nossas dificuldades nessa área é uma definição equivocada *de Deus*. Sei que essa é uma acusação séria e incisiva, por isso quero que você saiba que me incluo na lista de culpados. Eu também já distorci o evangelho por muitos anos e criei doutrinas a partir de minha própria religiosidade hipócrita. Acredite: eu sou uma fariseia em recuperação. Mas aprendi que, quanto menos eu buscava definições e leis, e quanto mais buscava me aproximar do coração de Jesus, mais as nuances daquilo que eu tentava definir faziam sentido. Quando o apóstolo Paulo estava em Atenas, viu uma estátua que os atenienses esculpiram em homenagem “ao Deus Desconhecido”. Os filósofos locais levaram Paulo até o Areópago — local em que as ideias eram pregadas — e lhe pediram para explicar essas “novas doutrinas” a respeito de Jesus. Paulo, então, os desafiou a deixarem de adorar a um deus desconhecido, uma vez que “o Deus que fez o mundo e tudo o que nele há [...] e a todos dá a vida, o fôlego e as demais coisas”, esse é um Deus que faz conhecer a si mesmo, e ele “não está longe de cada um de nós” (At 17.16-34). Algumas mulheres se autodenominam cristãs, mas vivem como se adorassem a um deus desconhecido. Não o conhecem e, portanto, não o admiram adequadamente. E, por não o admirarem o suficiente, não conseguem compreender sua própria essência feminina.

Então, este é meu objetivo ambicioso com o presente livro: levar você a conhecer melhor esse Deus que se faz conhecer. Eu sei que você está ansiosa para que eu responda à questão sobre o que significa ser mulher. Mas espere: sente-se aqui comigo, acalme seu coração, respire fundo e, em primeiro lugar, vamos tentar aprender mais — embora não tudo — sobre o Deus que nos fez mulheres. Prometo que, quanto mais você compreender a respeito dele, quanto mais permitir-se imergir na imensidão de seu amor, mais todo o resto fará sentido.